



# **Editorial:** **paisagens e paisagismos** **do Sul, sobre o Sul, a partir** **do Sul e para o Sul**

**Leo Name**

¡DALE!, PPG-AU / FAUFBA

**Rodrigo da Cunha Nogueira**

¡DALE!, DEARQ / UFOP

**Céline Veríssimo**

¡DALE!, MALOCA, CAU UNILA

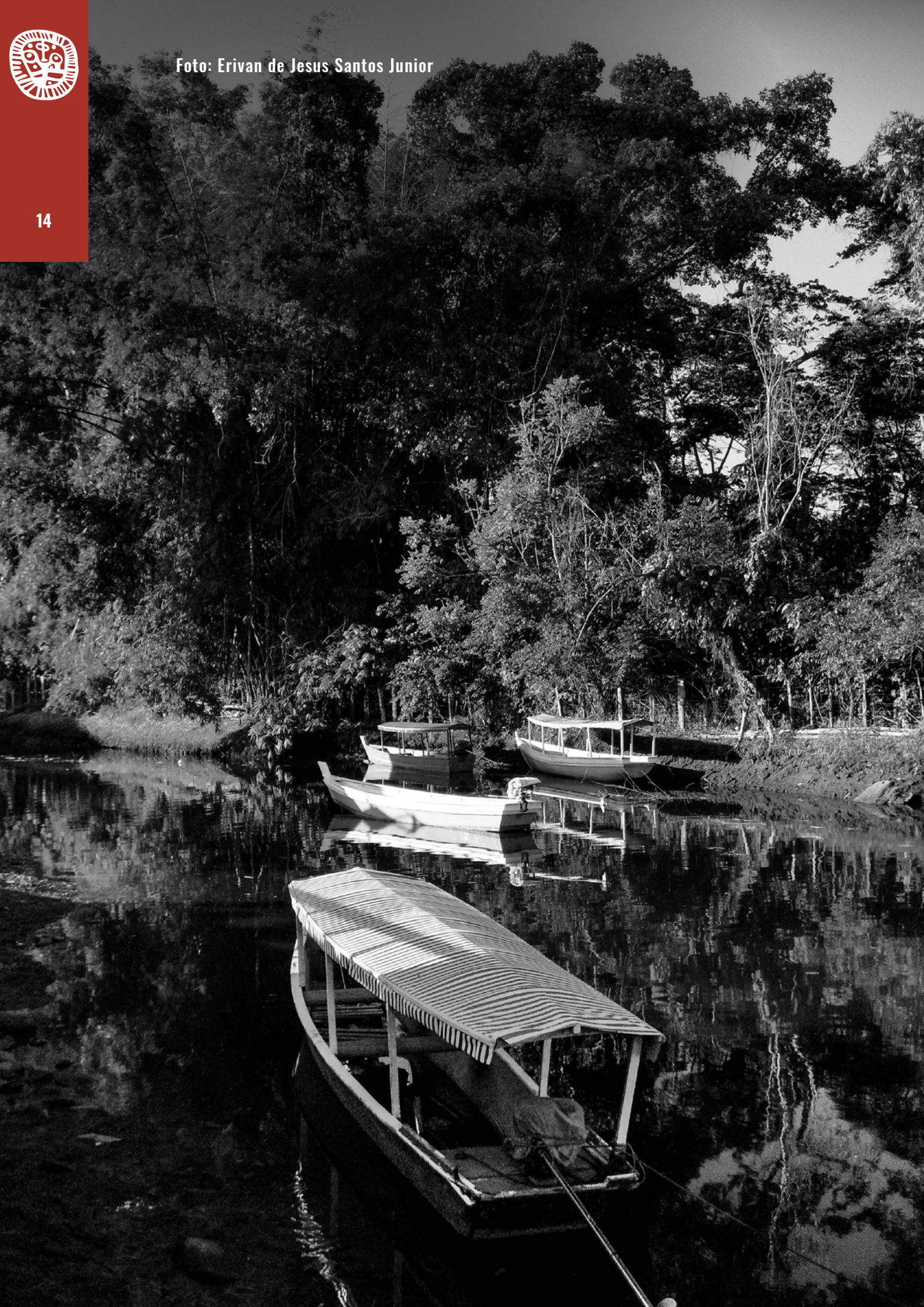


Foto: Erivan de Jesus Santos Junior





O **Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul**, que a leitora ou o leitor tem em mãos nesta **Epistemologias do Sul**, v. 6, n. 2, 2022, traz uma temática que “pega carona” no título da publicação que o alberga. Afinal, como seus mais recentes editoriais vêm reiterando, a revista *Epistemologias do Sul*, da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e vinculada ao grupo de pesquisa *Epistemologias do Sul: pensamento social e político em/desde/para América Latina, Caribe, Ásia e África*, tem enfoque nos estudos sobre e/ou desde o pensamento social e político advindos de um Sul cuja ideia está associada a determinadas localizações geográficas – lugares, paragens e paisagens. A revista e o dossiê, assim, parecem se conduzir a campos bastante minados do debate teórico: o das conceituações de paisagem e paisagismo forjadas em meio a ambiguidades, indefinições e binarismos – sociedade/meio ambiente, cultura/natureza, produção/representação e trabalho/arte, por exemplo; e o das variadas digressões sobre o Sul, não menos repletas de imprecisões.

A ideia de Sul parece ter surgido em fóruns formais de relações internacionais, em meados do século XX, com a intenção de desenhar certa identidade política autoconsciente em meio à ação política de nações e grupos subalternos e de passado colonial (DIRLIK, 2007; DADOS; CONNEL, 2012; BALLESTRIN, 2020). No entanto, conforme se infiltrou no debate acadêmico, o Sul instituiu-se como um conceito de enunciações sempre em disputa (ROSA, 2014): pode se referir a tipos singulares de pensamento social e posição intelectual de que insurgem estratégias em busca de mais equidade e menos injustiça cognitiva na divisão internacional do trabalho intelectual (CONNEL, 2007); a um campo epistemológico na luta contra os crimes e os danos perpetrados pelo capitalismo de base colonial, patriarcal e racista (SANTOS; MENESES, 2009); ou ao conjunto de meios e fins resultados da improvisação, da adaptação e da imaginação cotidianos de comunidades e lugares desfavorecidos ou minoritarizados, em busca de sua resistência e sua sobrevivência (COMAROFF; COMAROFF, [2012] 2013). E se no bojo destas definições já podemos encontrar teorizações sobre o que seriam as cidades ou o urbano ou as urbanidades do Sul, a partir do Sul e para o Sul (ROY, 2011; MABIN, 2015; CANETTIERI, 2021), não ocorre o mesmo com o conceito de paisagem, muito menos com a atividade do paisagismo.

A despeito de sua tão antiga quanto longeva inserção em disciplinas modernas, particularmente na geografia do Norte, a paisagem tende a ser reduzida, mesmo hoje em dia, a dois enunciados relativamente complementares: uma materialização das ações humanas ou um modo de ver o espaço cujo enquadramento produz representações (AVOCAT, 1982; COSGROVE, 2004; NAME, 2010). O paisagismo, ou a arquitetura paisagística, por sua vez, teve no Brasil das edificações modernistas de Costa ou Niemeyer com espaços livres de Klabin ou Burle Marx um lugar privilegiado para sua enunciação como atividade técnica de apreensão, desenho e, sobretudo, controle da natureza por arquitetos e arquitetas. Talvez, por isso, contemporaneamente se mantenha como um modo de projetar a natureza que a tem como um objeto geométrico reduzido a formas, dimensões e contornos, desconsiderando tempos, movimentos e formas de vida. Por conseguinte, os trabalhos deste Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul – o presente editorial e mais uma entrevista, três ensaios e doze artigos – guiam-se pela ideia de que abordagens sobre paisagens e paisagismos do Sul seriam aquelas capazes de transcender ou se desprender da ditadura do olhar ou do império da geometria, tornando-se encarnadas e localizadas – isto é, situadas em dimensões de gênero, raça, classe, etnicidade e em/desde/para a América Latina, o Caribe, a Ásia e a África.

Os editores – Leo Name e Rodrigo Nogueira – e a editora – Céline Veríssimo – deste número temático fazem parte do grupo de pesquisa *Decolonizar a América Latina e seus Espaços (¡DALE!)*, atualmente sediado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA); e que, com a organização desta edição temática, chega a sua oitava colaboração com a revista *Epistemologias do Sul*, no âmbito da produção de dossiês que se estabeleceu a partir de 2020.



Os trabalhos aqui apresentados começaram a ser selecionados e traduzidos, aliás, neste mesmo ano de 2020 e da quarentena da pandemia de covid-19, em que muitas e muitos de nós pouco viram de paisagens no mais das vezes enquadradas por janelas e frestas. Cabe acrescentar, além disso, que se esta também é a oitava vez que a revista *Epistemologias do Sul* recebe o projeto gráfico de Oswaldo Freitez, pesquisador do iDALE! e doutorando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, especificamente neste volume agregaram-se capa e folhas de rosto com fotografias de pessoas e paisagens de cidades do Baixo Sul, na Bahia (Ituberá, Cairú, Valença, Igrapiúna e Camam), gentilmente cedidas por Erivan de Jesus Santos Junior, graduando na FAUFBA e coautor de um dos artigos deste número.

A seção **Entrevista** abre o Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul com uma conversa de outubro de 2019 com a Mãe Marina de Ogum, fundadora do Terreiro Ilê Asé Ojú Ogum Fúnmilaiyó, localizado no bairro do Parque Residencial Morumbi, em Foz do Iguaçu, Paraná – e que infelizmente faleceu em 2021. Sob o título **Pode a folha falar?**, esse bate-papo informal foi conduzido por Céline Veríssimo e Maurício dos Santos, do grupo de pesquisa MALOCA/UNILA. A transcrição do áudio ao texto foi feita quase sem alterações, preservando a oralidade e a informalidade da fala de Mãe Marina sobre ervas, banhos e comidas-de-santo em meio a um passeio entre as plantas do quintal de seu terreiro e os comentários de sua audiência.

Uma segunda seção, a de **Ensaíos**, apresenta três diferentes propostas visuais relacionadas ao tema das paisagens e dos paisagismos do Sul. Na primeira, cujo título é **Quando o rio mora ao lado**, Nayara Cristina Rosa Amorim, pesquisadora do PPG-AU/FAUFBA, apresenta aquarelas de paisagens produzidas por uma técnica mista de croquis de observação de campo e intervenção digital e que retratam Áreas de Preservação Permanente (APP) em suas diversas configurações. Realizados em meio à sua pesquisa de doutorado na Universidade de São Paulo, seus desenhos contam um pouco da história de moradoras e moradores que são vizinhos de rios.

O segundo ensaio visual, **Los silencios de los mapas, los personajes ausentes: ensayo cartográfico sobre las movilidades en la pandemia**, é assinado por Oswaldo Freitez Carrillo, que dá continuidade a suas pesquisas sobre desenhos-outros que tensionam desenhos cartesianos, apresentando o resultado visual de sua experiência de confinamento durante a pandemia de covid-19 em um apart-hotel de Salvador – cidade a qual ele havia chegado cerca de um mês antes. A partir de sua posição fixa, mais segura, Freitez percebeu as mobilidades constantes – e sob risco de morte – de faxineiras, porteiros, zeladores, entregadores de aplicativos e outros trabalhadores que iam e vinham de seu edifício. Assim, seus desenhos – resultados de sua pesquisa de mestrado no PPG-AU/FAUFBA – congregam diferentes personagens, tempos e lugares para apresentar o que de sua experiência restrita ele podia ver – e, sobretudo, não ver – da capital baiana; ao mesmo tempo, visam a traduzir as experiências móveis e entre paisagens soteropolitanas que lhe foram narradas por uma das arrumadeiras do prédio.

Finalmente, o último ensaio chama-se **Paisagens solitárias de lugares fantásticos** e reúne quinze fotografias de Leo Name, pesquisador do PPGAU/FAUFBA. Cada um dos cliques foi feito entre 2012 e 2021, durante viagens em que suas lentes tentavam capturar as paisagens de um modo “antiturstico” e “ao Sul”. Em suas próprias palavras, “se o entusiasmo e o consumo forçados, coletivos e desmedidos em paisagens belas e espetaculosas norteiam a hegemonia turística, são seu avesso o feio e o banal, a solidão e a solidão, a melancolia, a tristeza e o desamparo”. Sendo assim, surgem de suas imagens de paisagens de quatro diferentes países e oito diferentes cidades o que o turismo parece querer esconder: espaços ermos, sinistros ou estranhos e pessoas sozinhas, contemplativas, introspectivas e abatidas.



A última seção, **Artigos**, apresenta doze trabalhos. No primeiro, **El gótico tropical: un término dinámico**, Libia Castañeda, atualmente doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCom/UFPE), apresenta parte de sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada da UNILA (PPGLC/UNILA). Partindo de um lendário relato sobre o cineasta espanhol Luis Buñuel ter dito ao escritor colombiano Álvaro Mutis ser impossível haver uma obra gótica sem as paisagens soturnas e enevoadas da Europa, a autora analisa o movimento cinematográfico colombiano chamado Gótico Tropical. Entende-o como lócus de enunciação sobre a monstruosidade associada com a produção da alteridade latino-americana, por sua vez construída por um olhar eurocêntrico. Nesse sentido, ela aponta que os termos “gótico” e “tropical” se baseiam na artificialidade de repertórios em constante transformação e discute sua continuidade em derivações híbridas.

**O sertanejo e sua indissociação com o seu espaço: o papel de Fabiano na representação do sertão** é um artigo baseado em um trecho da dissertação do historiador Flávio Augusto Serra, também no PPGLC/UNILA. O pesquisador argumenta que tanto o sertanejo quanto o sertão foram construídos e inventados, a partir do século XVIII, por meio de expressões culturais como a literatura, as artes plásticas e o cinema. Utilizando a literatura como fonte, Serra analisa a construção do protagonista Fabiano em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, mostrando a indissociável relação desta personagem geográfica – conceito de base visual e decolonial – com a paisagem do sertão.

Céline Veríssimo e Maurício Santos voltam ao Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul e ao terreiro Ilê Asé Ojú Ogum Fúnmilaiyó com um segundo trabalho. Com base em uma ecologia política orientada ao giro decolonial, **Paisagismo dos orixás: esboço para uma definição não completa** é um artigo voltado ao enquadramento histórico dos terreiros de Candomblé, com vistas ao reconhecimento e à valorização desses espaços como patrimônio arquitetônico e paisagístico afro-latino. Propõe um olhar crítico sobre as dinâmicas paisagísticas sagradas, ritualísticas, de cura, de resistência e de autonomia no espaço exterior dos terreiros. O texto também analisa os modos como povos-de-santo marginalizados defendem seus recursos naturais para evitar a perda do que julgam como seu patrimônio biocultural e, assim, esboça uma definição incompleta de “paisagismo dos Orixás” que convida a imaginar outras vidas e outros mundos.

O artigo seguinte tem como título **Que planta escolher? Entre a fitorremediação e a etnobotânica: uma leitura de suas diversas funções, com o olhar para a Umbanda**. Nayara Cristina Rosa Amorim e Mayara Mychella Sena Araújo, pesquisadoras da FAUFBA, apresentam o cruzamento entre as propriedades de fitorremediação, isto é, as características em espécies vegetais que contribuem para a despoluição de ecossistemas, e o uso ancestral das plantas no universo das muitas religiões afro-brasileiras que atravessam paisagens e paisagismos do Sul – em particular, aquelas relacionadas à Umbanda, no Brasil. Pondo em diálogo abordagens aparentemente divergentes, as pesquisadoras finalizam o artigo com uma listagem de quatorze espécies que cumprem essa dupla função, ao mesmo tempo indicando que plantas absorvem quais contaminantes e a que Orixá e usos ritualísticos cada uma delas está associada.

**Sabores, aromas e saberes: desafios para uma epistemologia dominante** é a tradução do inglês para o português de um artigo de 2020 da antropóloga moçambicana Maria Paula Meneses, notória pesquisadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Seu texto viaja através de paisagens da história social da comida e de quem a prepara, assinalando redes de reciprocidade e solidariedade e saberes e histórias silenciadas e subalternizadas. O Oceano Índico se destaca, em sua abordagem, como a paisagem histórica e culinária de uma rede centenária de pontos de encontro entre pessoas e mercadorias que refletem contatos e



apropriações mútuas. Assim, ao longo dessa história, alguns aromas e sabores foram considerados de povos inferiores – do Sul – e, portanto, foram também relegados a um estatuto de alteridade subalterna, do mesmo modo que as mulheres que preparam as refeições foram silenciadas e o saber sobre comidas deixou de ser entendido como corporificado. No entanto, Meneses argumenta que a cozinha resiste como um laboratório de afetos, de onde emerge uma lógica de epistemologias e paisagens do Sul alicerçada pelo ato de vivermos juntos, temperando conversas com saber enquanto saboreamos afetos. Por isso, a autora reivindica as emoções como provedoras de outras abordagens para ser, viver e saborear o mundo.

Em continuidade, no artigo **Restinga comestível: uma alternativa para uma necesidad socio ambiental**, Mariana Castañeda Díez, mestra em Arquitetura Paisagística no Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB/UFRJ), e Rita de Cássia Martins Montezuma, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (PosGeo/UFF), abordam dois problemas na cidade do Rio de Janeiro: a fragmentação de seus ecossistemas de restinga nativos e a falta de alimentos de muitas de suas comunidades de baixa renda. Diante de tão graves questões, elas apresentam uma proposta projetiva orientada ao “paisagismo comestível” em um espaço público da zona oeste da cidade. A pesquisa foi realizada a partir de um referencial teórico que trata de questões paisagísticas, ecossistemas e processos de urbanização e mediante ferramentas tecnológicas e a realização de visitas de campo que permitiram a proposta de paisagismo comestível.

Em **Paisagem de injustiça hídrica no assentamento Pequeno William do MST no Distrito Federal: práticas agroecológicas de sobrevivência ou Soluções baseadas na Natureza (SbN)?**, Acácio Alves, Liza Maria Souza de Andrade e Camila Maia Dias, pesquisador e pesquisadoras do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB), apresentam uma análise que parte do contexto global de crescentes crises climáticas e injustiças ambientais para chegar ao exemplo local do assentamento do Movimento dos Sem Terra chamado Pequeno William, em Planaltina, Distrito Federal. Atribuem a desigualdade no acesso à água que ali encontraram ao modelo produtivo implementado desde o período colonial, com base em latifúndios de monocultura para a exportação. O trabalho aponta possíveis caminhos de enfrentamento destas crises e injustiças hídricas: a assunção de responsabilidades por parte do poder público (governos federais, estaduais e municipais); e a adoção das técnicas vinculadas às chamadas Soluções baseadas na Natureza (SbN) e transição agroecológica, ambas já levadas a cabo por ocupantes do assentamento no que, em larga medida, podem ser considerados projetos autônomos de infraestrutura da paisagem.

Dando prosseguimento à análise do rol de injustiças ambientais que assola as paisagens do Sul, o artigo **Paisagens das Minas: uma conformação de riscos das minas em Minas Gerais** alerta sobre os riscos e impactos causados pela atividade minerária neste estado do Sudeste do Brasil. Para isso, o autor – Rodrigo da Cunha Nogueira, pesquisador do ¡DALE! e professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal de Ouro Preto (DEARQ/UFOP) – traz à cena os desastres/crimes dos rompimentos das barragens de Fundão e do Córrego do Feijão, respectivamente de responsabilidade das empresas Samarco e Vale. Traçando uma relação entre a mineração e a conformação de riscos e vulnerabilidades socioambientais, o artigo tem como premissa o fato de que as sociedades modernas foram constituídas por um modelo de desenvolvimento baseado na hierarquização do mundo que valoriza determinados corpos em detrimento de outros – o que persiste na atualidade, conformando paisagens instáveis e críticas que trazem perigo às populações mais pobres e menos brancas.



O artigo **Às margens das monoculturas: a diversidade biocultural das paisagens do Baixo Sul, Bahia** apresenta a diversidade paisagística das comunidades ribeirinhas, beiradeiras, quilombolas e indígenas, nessa região do Nordeste brasileiro, como fruto de interações entre humanos e não humanos e tanto de ações predatórias advindas de diferentes agências capitalistas quanto de resistências comunitárias. Com a autoria de Marta Raquel da Silva Alves, pesquisadora do iDALE! e professora da FAUFBA, e Erivan de Jesus Santos Junior, também da FAUFBA e morador de uma das comunidades inventariadas, o texto analisa a entrada de empresas produtoras de látex nas localidades, o que provoca uma alienação das atividades cotidianas, o que acaba por interferir na paisagem. Como método de investigação, utilizam a “escrivência”, conceito utilizado pela escritora Conceição Evaristo para explicar a escrita que surge do cotidiano, das memórias e da experiência da própria comunidade. Assim, apresentam as paisagens do Baixo Sul baiano, por um lado baseando-se na memória biocultural e em relatos de ancestrais, mostrando que a interação com as comunidades passa pelas águas e por suas práticas cotidianas de produção; e, por outro lado, entendendo tais paisagens como “ativas” e simultaneamente produzidas pelas comunidades humanas e outros seres.

Os três últimos textos da seção Artigos tratam de análises que viram do avesso a genealogia e a conceituação da paisagem, lançando novos questionamentos, desvios e interpretações. O primeiro deles chama-se **O design das paisagens de emaranhamento** e é a tradução do inglês para o português de um manuscrito de Martin Prominski. Nesta ampliação não publicada de um artigo seu de 2018, o arquiteto paisagista e pesquisador na Universidade de Hanôver Gottfried Wilhelm Leibniz realiza uma aprofundada revisão da literatura crítica por parte de intelectuais do Norte Global (em alguma medida, digamos, contra-hegemônicos), cujas provocações vêm redefinindo o conceito de paisagem e a própria noção de natureza. Nessa direção, ele argumenta que tais abordagens também assentam uma ideia de Antropoceno que toma a paisagem como um emaranhado de ações humanas e não humanas e como um produto de design coletivo. Além disso, ao longo do texto, Prominski traz exemplos de projetos paisagísticos.

Por sua vez, **História e paisagem: explorando um conceito geográfico monista** é uma tradução do espanhol para o português de um texto de Pedro S. Urquijo Torres e Narciso Barrera Bassols – pesquisadores do Centro de Investigações em Geografias Ambientais da Universidade Nacional Autônoma do México (CIGA/UNAM) –, originalmente publicado em 2009. Os autores recorrem, e percorrem, através da historiografia, as abordagens de diversos campos do conhecimento, como a filosofia, as ciências sociais e a geografia produzidas de Norte a Sul. Isso os leva ao argumento central de que a paisagem é um conceito-chave apto a desvendar a falsa dicotomia entre natureza e sociedade. E que, por isso, devemos adotar uma postura monista frente à análise ambiental, isto é, compreender, analisar e interpretar relações e interações na paisagem como justaposições em uma única unidade, partes de uma mesma coisa em que elementos da natureza e da cultura convergem em uma sólida, mas instável, comunhão. Assim, para os autores, a paisagem deve ser compreendida como um conceito geográfico holístico, no qual se agrupam, instavelmente, diferentes influências dos processos naturais e humanos.

Finalmente, Leo Name retorna ao Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul, encerrando-o, com o artigo **Paisagens do Sul, amefricanas e ch'ixis**. Resultado parcial de seu estágio pós-doutoral na FAUFBA de 2019 a 2020, o texto parte de uma crítica ao eurocentrismo e ao ocularcentrismo inerentes ao que julga ser uma pouco variada constelação de conceitos de paisagem. Por isso, ele aponta a necessidade de teorias e epistemologias do Sul, sobre o Sul, a partir do Sul e para o Sul que, ao (re)definirem a paisagem, deem a devida atenção a dimensões de gênero, raça, classe, etnicidade e lugar. Ante tais preocupações, o autor realiza três movimentos: primeiro, faz a caracterização do Sul como noção acionada tanto em âmbitos de





relações internacionais quanto da geopolítica do conhecimento; depois, leva o debate para os contextos latino-americanos de que emergem os conceitos de amefricanidade, da afro-brasileira Lélia Gonzalez, e *ch'ixi*, da aimará e boliviana Silvia Rivera, de instigantes dimensões político-culturais e de gênero e que fazem releituras críticas da aculturação e da mestiçagem; por fim, inspirando-se na amefricanidade e no *ch'ixi*, Name esboça três inflexões às paisagens do Sul, particularmente as latino-americanas.

## Referências

- AVOCAT, C. Approche du paysage. **Géocarrefour**, v. 57, n. 4, p. 333-342, 1982.
- BALLESTRIN, L. O Sul Global como projeto político. **Horizontes ao Sul**, 2020.
- CANETTIERI, T. As cidades do Sul Global como referências globais do colapso. **VIRUS**, n. 23, 2021
- COMAROFF, J.; COMAROFF, J. L. **Teorías desde el sur**. O como los países centrales evolucionan hacia África. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, (2012) 2013.
- CONNEL, R. **Southern theory**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2007.
- COSGROVE, D. Landscape and Landschaft. **German Historical Institute Bulletin**, n. 35, p. 57-71, 2004.
- DADOS, N.; CONNELL, R. The global South. **Contexts**, v. 11, n. 1, p. 12-13, 2012.
- DIRLIK, A. Global South: predicament and promise. **The Global South**, v. 1, n. 1, p. 12-23, 2007.
- MABIN, A. Sedimentando a teoria da cidade do Sul no tempo e lugar. **Sociedade e Estado**, v. 30, p. 323-346, 2015.
- NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geo-Textos**, v. 6, p. 163-186, 2010.
- ROSA, M. C. Sociologias do Sul: ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente. **Civitas**, v. 14, p. 43-65, 2014.
- ROY, A. Slumdog cities: Rethinking subaltern urbanism. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 35, n. 2, p. 223-238, 2011.

